



Vol. 11, Nº 25 (diciembre / dezembro 2018)

A COMPETITIVIDADE DE DESTINOS TURÍSTICOS EM ÁREAS PROTEGIDAS NATURAIS

Sabrina da Rosa

Universidade do Vale do Itajaí, sabrinarosa@edu.univali.br

Francisco Antônio dos Anjos

Universidade do Vale do Itajaí, anjos@univali.br

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Sabrina da Rosa y Francisco Antônio dos Anjos (2018): "A competitividade de destinos turísticos em áreas protegidas naturais", Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, n. 25 (diciembre / dezembro 2018). En línea:

<https://www.eumed.net/rev/turydes/25/areas-protegidas.html>

<http://hdl.handle.net/20.500.11763/turydes25areas-protegidas>

RESUMO

O tema da competitividade dos destinos turísticos é complexo, com diversos modelos sendo construídos, com poucos destinos dedicados a áreas naturais protegidas. Para essas áreas, a competitividade pode ser uma ferramenta poderosa para a conservação do meio ambiente e o desenvolvimento socioeconômico da comunidade local. O objetivo principal da pesquisa foi verificar a aplicabilidade da teoria da competitividade existente em destinos com turismo baseado na natureza, em que as principais atrações são áreas naturais protegidas. Como metodologia foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, validados os indicadores com painel de especialistas, utilizando a técnica Delphi. Os resultados destacam a possibilidade de utilizar os fatores de competitividade dos destinos turísticos em áreas naturais protegidas e apresenta 53 indicadores validados que podem ser utilizados para avaliar a competitividade do turismo em áreas naturais protegidas.

Palavras Chave: competitividade de destino; índice de competitividade; atributo de competitividade; turismo baseado na natureza; área protegida.

ABSTRACT

The competitiveness theme of tourist destinations is complex, with several models being built, with few destinations dedicated to natural protected areas. For such areas, competitiveness can be a powerful tool for the conservation of the environment and socioeconomic development of the local community. The main objective of the research was to verify the applicability of the existing theory of competitiveness in destinations with tourism based on nature in which the main attractions are natural protected areas. As methodology was carried out bibliographical and documentary research, validated the indicators with panel of experts, using the Delphi technique. The results highlight the possibility of using the competitiveness factors of tourist destinations in natural protected areas and presents 53 validated indicators that can be used to assess tourism competitiveness in natural protected areas.

Keywords: destination competitiveness; competitiveness index; competitiveness attributes; nature-based tourism; protected area.

1 INTRODUÇÃO

O crescimento do turismo pode ser especialmente benéfico para os países em desenvolvimento, cujas economias são tradicionalmente dependentes do setor agropecuário ou extrativista, particularmente aquelas centradas na exportação dos recursos naturais. A produção agropecuária das nações sul-americanas totaliza 30% no mercado mundial de grãos e de 28% nas trocas globais de proteína animal (USDA, 2015), e simultaneamente o mesmo território recebe a pressão para conservar a maior biodiversidade do mundo (MONGABAY, 2016). Uma alternativa para aumentar a proteção do uso sustentável da Terra e garantir a manutenção da biodiversidade, é o turismo. Em tais situações, o turismo é competitivo quanto mais conservado forem os recursos naturais, conseqüentemente se eleva a consciência do valor da conservação (Boley & Green, 2016), e com possibilidade de agregar valor.

O turismo, o maior setor econômico e de maior crescimento no mundo, respondeu em 2017 por 10% do PIB mundial, 7% do comércio global e criou um em cada dez novos postos de trabalho (UNWTOa, 2017). Apesar de uma escassez de dados quantificáveis e comparáveis, o turismo baseado na natureza tem sido frequentemente relatado como sendo um grande e crescente segmento dentro do mercado global de turismo (Hassan,2000; Balmford *et al.*, 2015; Barić *et al.*,2016; Hardiman & Burgin,2017; Dinica, 2018). Englobando a maior parte das atrações turísticas dos países em desenvolvimento (Bwalya-Umar & Mubanga, 2016), sendo capazes de gerar renda substancial tanto para a conservação da biodiversidade quanto para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades locais (Hardiman & Burgin,2017).

O Turismo em ambiente natural tem sido denominado de forma variada, como "turismo de natureza", "turismo baseado na natureza" ou "turismo de áreas naturais" (Barić *et al.*, 2016). Adotaremos neste estudo o termo turismo baseado na natureza, pois entendemos ser mais abrangente por incluir o ecoturismo, o turismo de natureza e o turismo de aventura. O Ecoturismo, essencialmente baseada na natureza, defende meios de viagem responsáveis, enfatizando a educação ambiental e o uso sócio-ecologicamente sustentável do ambiente natural e cultural (Orams, 1995; Weaver, 2001; Barić *et al.*, 2016; TIES, 2017; Brasil, 2018; Lee & Jan, 2018), necessitando de processos especiais de gestão para minimizar o impacto negativo sobre o ecossistema (Santarém, 2018; UNWTOb, 2018). O turismo de natureza está relacionado à observação ou contemplação da flora, fauna ou paisagem, ou seja, a atratividade da própria natureza, sem considerar aspectos socioculturais ou questões gerenciais (Barić *et al.*, 2016). O turismo de aventura é percebido como um tipo de viagem para lugares remotos e exóticos com experiências que frequentemente envolvem certo risco e desafio pessoal (Dantas & Pires, 2015; Barić *et al.*, 2016) ou físico que pode ser real ou percebido (UNWTOb, 2018), de caráter recreativo e não competitivo (BRASIL, 2018).

O turismo baseado na natureza se configura como um dos produtos turísticos mais importantes para muitos destinos (Huybers & Bennett, 2003; Ramkisson & Mavondo, 2014), em grande parte em áreas protegidas naturais, estas que estão sendo ampliadas nos países para cumprir as Metas de Aichi para a Biodiversidade. As áreas protegidas naturais são categorizadas pela Internacional Union for Conservation of Nature (IUCN), com categorias de manejo padrões globais, reconhecidas por organizações internacionais como as Nações Unidas (IUCN,2018). Destacam-se entre as categorias os Parques Nacionais (Balmford *et al.*, 2009), que apresentam características diversas e muitas vezes únicas, servindo como ícones e fortes marcas de turismo (Puustinen, Pouta, Neuvonen & Sievanen, 2009; Ramkisson & Mavondo, 2014).

Dado o cenário competitivo para o turismo em parques, é crucial a diferenciação como estratégia central nos processos de para planejamento e gestão de visitantes. Nos países desenvolvidos, o turismo é tratado como uma importante atividade para as economias, como por exemplo a França, Espanha e Estados Unidos, que foram os países que mais receberam turistas estrangeiros em 2017 (UNWTOa,2018), com crescimento de visitas nos Parques Nacionais.

Os Parques Nacionais franceses receberam 8,5 milhões de visitantes (Parcs Nationaux de France, 2018), enquanto a Espanha, que no último ano substituiu os Estados Unidos como segundo destino turístico mais popular do mundo, investe no turismo com estratégias de competitividade, como o Monitor de Competitividade Turística de Cidades (URBANTUR,2018), os dados de crescimento são expressivos, nos 15 parques nacionais espanhóis, quando os dados demonstram um total de 15,43 milhões de visitantes em 2017 (aumento de 61,84% comparado ao total de 2012) (MAPAMA,2018).

Nos Estados Unidos, o turismo nos Parques Nacionais é um seguimento consolidado, como no exemplo do Great Smoky Mountains National Park (GSMNP), que recebeu 11,2

milhões de visitas em 2017 (aumento de 17% comparado ao total de 2012), por mais que mantenha altas taxas de visitas, quase o dobro do Grand Canyon National Park, o segundo mais visitado (aumento de 41,46% comparado ao total de 2012), ambos conseguem manter a taxa de crescimento (NPS,2018). O GSMNP possui a maior extensão de paisagem florestal no oeste dos EUA, localizado na região mais povoada do país, destacando-se pela biodiversidade e diversidade topográfica, e por fornecer diversas atividades para diferentes segmentos (Dye & Shaw, 2007).

O desafio de manter as visitas e ainda mais, de ter crescimento em mercados consolidados são possíveis em destinos competitivos. A competitividade do destino está relacionada a capacidade de aumentar a receita do turismo (Ritchie & Crouch, 2003), com produtos e serviços de forma eficiente (Heath, 2003) com qualidade, inovação, ética e atrativos, a fim de alcançar a sustentabilidade dentro de sua visão global, aumentando o valor agregado do turismo, otimizando sua atratividade e benefícios tanto para os visitantes quanto para a comunidade local de forma sustentável (UNWTO b, 2018).

As pesquisas recentes sobre turismo baseado na natureza ganham destaque em algumas temáticas, notadamente a atratividade (Puhakka & Saarinen, 2013; Souza, Thapa & Castro, 2017; Ariya, Sitati & Wishitemi, 2017), a qualidade percebida do serviço (Rodger, Taplin & Moore, 2015; Taplin, Rodger & Moore, 2016; Thapa & Lee, 2017) e imagem do destino (Kihima,2014; Rosa, Carvalhinho & Soares,2018), citando apenas os artigos relacionados a temática publicados bases de dados da EBSCO nos últimos cinco anos. Percebem-se poucos estudos com foco na competitividade (Law & Lo, 2016; Blanco-Cerradelo *et al.*, 2018; Kruger, Vilijoen & Saayman, 2017), apesar do reconhecimento de que nível competitivo influencia a atratividade de um destino (Dwyer & Kim, 2003; Law & Lo, 2016) e possibilita que o destino possa criar e integrar produtos de valor agregado que sustentam seus recursos, mantendo a posição de mercado em relação aos concorrentes (Hassan, 2000).

Com a competição intensificada entre os destinos, as preocupações com recursos e reconhecimento da competitividade com um fator crítico de sucesso, contribuíram para expansão da literatura sobre a competitividade de destino turístico. Modelos de Competitividade de Destinos Turísticos (Crouch & Ritchie, 1999; Hassan, 2000; Dwyer & Kim, 2003; Huybers & Bennett, 2003; Enright & Newton, 2004; Gooroochurn & Sugiyarto, 2005; Mazanec, Wöber & Zins,2007; Gomezelj & Mihalič ,2008; Perles Ribes, Ramón Rodríguez e Sevilla Jiménez, 2008; Crouch, 2010; Bornhorst, Ritchie & Sheehan,2010; Zhang *et al.*, 2011; Andrades-Caldito, Sánchez-Rivero & Pulido-Fernández, 2012; Caber, Albaryrak & Matzler, 2012; Bagarić & Žitinić, 2013; Dwyer *et al.* , 2014; Knežević Cvelbar *et al.*, 2016; Chin, Haddock-Fraser & Hampton,2015; Augustin & Liaw, 2017; Blanco-Cerradelo *et al.*, 2018; Wong, 2018) são largamente utilizados pela literatura da gestão do destino.

O principal questionamento do presente estudo se pauta em "Quais fatores da competitividade de destino turísticos são aplicáveis aos destinos com turismo baseado na natureza?". Assim, o objetivo central da pesquisa a verificar a aplicabilidade da teoria existente de competitividade em destinos com turismo baseado na natureza em que os principais atrativos sejam áreas protegidas naturais.

Para o desenvolvimento do estudo foi realizada pesquisa bibliográfica dos modelos de competitividade de destinos turísticos com levantamento dos fatores e atributos aplicados a competitividade destinos baseados na natureza. O artigo está dividido nos seguintes tópicos: competitividade turística: modelos e medições; metodologia; avaliação da competitividade em áreas protegidas naturais e considerações finais.

2 COMPETITIVIDADE TURÍSTICA: MODELOS E MEDIÇÕES

O destino turístico é uma unidade complexa de análise e gestão que inclui um número expressivo de *stakeholders*. Todos devem ter um objetivo comum - melhorar a competitividade do destino turístico (Crouch, 2010; Chim-Miki & Domareski-Ruiz, 2017). Apesar da existência de um grande número de estudos sobre a competitividade de destinos nos últimos 20 anos, não há um consenso na literatura sobre as categorias fundamentais nos modelos para sua mensuração.

Quanto ao conceito de competitividade é amplamente aceito o utilizado por Ritchie e Crouch (2003) que entende que sua compreensão está relacionada a capacidade de aumentar as despesas do turismo, atrair mais visitantes e proporcionar experiências satisfatórias e memoráveis.

A competitividade do destino está integralmente associada à manutenção da riqueza

da cultura e do patrimônio natural (Dwyer, Forsyth & Rao, 2000; Ritchie & Crouch, 2003; Heath, 2003), preservando e melhorando a qualidade ambiental e a atratividade (Mihalič, 2000), aumentando a capacidade dos operadores de vender produtos de maior valor agregado. Um destino competitivo eleva o padrão de vida e leva a prosperidade socioeconômica dos residentes (Crouch & Ritchie, 1999; Dwyer & Kim, 2003; Ritchie & Crouch, 2003; Chim-Miki & Domareski-Ruiz, 2017).

Os destinos estão constantemente competindo entre si para aumentar a probabilidade de serem selecionados como local de férias dos turistas, e, portanto, é crucial que os destinos avaliem seus atributos de competitividade. O processo de seleção de destino do visitante em potencial é muito influenciado pela competitividade geral do destino (Dwyer & Kim, 2003). Os destinos desejam estabelecer sua posição competitiva (e os benefícios econômicos percebidos), assim como entender seus principais diferenciais (Chin, Haddock-Fraser & Hampton, 2015).

A mensuração da competitividade tem atraído considerável atenção da literatura do campo do turismo, e muitos dos estudos tiveram o objetivo de diagnosticar por especialistas as posições competitivas de destinos em países específicos, incluindo Hong Kong (Enright & Newton, 2004), Austrália (Huybers & Bennett, 2003), Eslovênia (Gomezelj & Mihalič, 2008), Canadá (Bornhorst, Ritchie & Sheehan, 2010), China (Zhang *et al.*, 2011), Espanha (Andrades-Caldito, Sánchez-Rivero & Pulido-Fernández, 2012; Perles Ribes, Ramón Rodríguez & Sevilla Jiménez, 2008; Blanco-Cerradelo *et al.*, 2018), Croácia (Bagarić & Žitinić, 2013), e recentemente países em desenvolvimento como Indonésia (Chin, Haddock-Fraser & Hampton, 2015) e Malásia (Wong, 2018).

Outros autores incluem pesquisas mais amplas como Crouch e Ritchie (1999), com estudos abrangentes de diversas localidades, Gooroochurn e Sugiyarto (2005) e Mazanec, Wöber e Zins (2007) com pesquisa em mais de 200 países, e Knežević Cvelbar *et al.*, (2016) e DWYER *et al.* (2014) analisaram 139 países em seus estudos. Numa escala intermediária, encontramos estudos comparativos na Austrália e Coréia (Dwyer & Kim, 2003) e na Alemanha, Holanda, Reino Unido e Federação Russa (Caber, Albaryrak & Matzler, 2012).

Há uma variedade de configurações geográficas nos estudos realizados, no entanto, a literatura científica em países em desenvolvimento, ainda é limitada em comparação com outros destinos populares. Também pode perceber que estudos que focam em segmentos específicos, ainda são pouco encontrados. No caso da mensuração da competitividade do turismo baseado na natureza, percebeu-se uma lacuna no campo da literatura que precisa ser ocupada.

O constructo competitividade teve origem no setor industrial, com o modelo “diamante” de vantagem competitiva nacional (Porter, 1980), e sua transposição para o campo do turismo foi primeiramente estudada por Ritchie e Crouch (1993). Estes mesmos autores adequaram o modelo para o turismo sugerindo 36 atributos agrupados em quatro fatores, que compreendem “Recursos Principais e Atrativos”, “Determinantes de Qualificação”, “Gerenciamento do Destino” (Crouch & Ritchie, 1999), conhecido como Modelo de Calgary. A importância de testar modelos de mensuração da competitividade foi recentemente defendida por Crouch (2010), que testou seu próprio modelo usando o Analytical Hierarchy Process, confirmando os quatro fatores e acrescentando o fator “Planejamento de Destino”.

Os fatores do Modelo de Calgary também foram confirmados posteriormente por Andrades-Caldito, Sánchez-Rivero e Pulido-Fernández (2012), Caber, Albaryrak e Matzler (2012) e Wong (2018). Perles Ribes, Ramón Rodríguez e Sevilla Jiménez, (2008) aplicaram o Modelo Calgary acrescentando outros fatores “Setores e conexões de apoio”, “Estabelecimentos com Qualidade”, “Fatores Avançados”, “Fatores básicos”, “Demanda” e “Competitividade”. Abrangente por agregar fatores genéricos, o Modelo de Calgary, norteou outros na área, necessitando adaptações por falta de índices que possam ser quantificados e também por negligenciar a qualidade do ambiente ecológico. A incorporação do discurso sustentável na competitividade de um destino turístico, surge com Buhalis (2000). A ênfase nas características ambientais relacionadas aos modelos de mensuração da competitividade dos destinos turísticos é marcada com a proposta de Hassan (2000), que acrescenta o fator “sustentabilidade”, assim como o fator “demanda”. Os mesmos autores também consideram como fatores as questões de marketing de destino, entendido como um objetivo estratégico para as partes interessadas, com uso de marca e aproveitando as oportunidades de novas tecnologias e internet (Buhalis, 2000; Hassan, 2000). Huybers e Bennett (2003) também contribuem com a discussão de competitividade em destinos baseados na natureza, e incorporam o fator “Custos” num modelo que traz o “Gerenciamento do Destino” dividido em

“Regulamentações Governamentais” e “Regulamentações Voluntárias”.

A abordagem de Dwyer e Kim (2003) para a competitividade de um destino destaca-se como possivelmente a mais conhecida, citada e abrangente dentre os modelos discutidos na literatura do turismo (Abreu-Novais *et al.*, 2016). Com 135 atributos de competitividade, este modelo é chamado de “Modelo Integrado de Competitividade” e diferencia-se por orientar a mensuração dos indicadores, e separar o fator “Recursos Principais e Atrativos” em “Recursos Criados”, “Recursos Herdados”, “Recursos de Suporte” e ainda acrescentar o fator “Condições Situacionais”.

O Modelo Integrado de Competitividade serviu como estrutura para agrupar atributos de competitividade, com replicações em diferentes destinos, mas sem alterar o agrupamento dos atributos (Dwyer *et al.*, 2014). Utilizando 83 atributos de competitividade do total de 135 indicadores propostos por Dwyer e Kim (2003), Dwyer *et al.* (2014) testaram a acessibilidade e a validade dos indicadores para adequar-se aos atributos propostos atributos. Com este estudo, fortalece a relação da competitividade com a capacidade de oferecer uma experiência turística original e o gerenciamento de recursos regionais existentes (Dwyer *et al.*, 2014).

O Modelo Integrado de Competitividade de Destino (Dwyer & Kim, 2003), também foi aplicado na Eslovênia (Gomezelj, Omerzel & Mihalič, 2008). A avaliação da competitividade de destino foi baseada nas pontuações recebidas para os indicadores que compreendem vários segmentos de destino. Eles foram agrupados em 6 fatores de competitividade: “Recursos Herdados”, “Recursos Criados”, “Fatores de Suporte”, “Condicionantes Situacionais”, “Gerenciamento de Destino” e “Demanda”. O estudo foi replicado por Bagarić e Žitinić (2013).

Enright e Newton (2004), considerando os atributos de destinos de turismo convencionais (atratores), propuseram reunir com atributos de competitividade de nível industrial (fatores relacionados aos negócios) em seu estudo empírico. Avaliando especificamente o efeito da Destination Management Organization - DMO no sucesso global do destino, identificando um conjunto de 52 indicadores que foram inseridos numa Matriz de Importância de Desempenho.

Um modelo geral de competitividade de destino foi proposto como Monitor de Competitividade (MC), por Gooroochurn e Sugiyarto (2005), com iniciativa do The World Travel & Tourism Council (WTTC). Os índices resumidos para cada um dos oito principais indicadores, inovando com os fatores “Recursos Humanos”, “Qualidade de Vida dos Residentes”, “Abertura” e “Facilidade de comunicação” e excluem fatores usados em outros modelos como anteriores como os fatores “Recursos Principais”, “Planejamento de Destino” e “Atrativos”.

Como crítica ao modo de construir o MC, Mazanec, Wöber e Zins (2007) reorganizaram os índices utilizando o conjunto de dados da pesquisa de Gooroochurn e Sugiyarto (2005) A pesquisa não confirmou os fatores propostos “Abertura”, “Facilidade de Comunicação”, “Preço” e “Preservação”, confirmando apenas “Qualidade de Vida dos Residentes” e “Recursos Principais”. A pesquisa identificou as percepções subjetivas relacionadas a imagem do destino foram identificadas como vitais para o sucesso do gerenciamento da competitividade do destino.

Na busca de substituir o MC foi criado o Índice de Competitividade de Viagens e Turismo (ICVT) do The World Economic Forum - WEF, classificando 124 países (WEF, 2007). O índice foi testado em 22 países por Augustin e Liaw (2017), e os indicadores concentram-se em quatro fatores “Possibilidade de Desenvolvimento”, “Infraestrutura”, “Sustentabilidade” e “Recursos Naturais e Culturais”.

Zhang *et al.* (2011) dividiu o “Recursos de Suporte” nos fatores “Suporte Socioeconômico” e “Suporte Sustentável”, e mantiveram o fator já consolidado “Recursos Principais”. Além disso propuseram novos fatores: “Capacidade de Recepção de Turistas”, “Força da Indústria do Turismo”, destaca-se que estes novos fatores não foram replicados em outros modelos encontrados neste estudo.

A abordagem de Knežević Cvelbar *et al.* (2016) focou nos resultados da competitividade, sustentando que o principal objetivo da estratégia é de criar a qualidade de vida e prosperidade socioeconômica para o país e residentes do destino. Uma das primeiras tentativas de examinar os impulsionadores da competitividade do destino, distinguindo entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. O estudo agrupou os indicadores em fatores “Recursos Herdados”, “Planejamento de Destinos”, “Infraestrutura para Turismo”, “Desenvolvimento macro”, “Infraestrutura Geral” e “Desenvolvimento de Negócios”.

Num estudo também realizado em nações em desenvolvimento, Chin, Haddock-Fraser e Hampton (2015) analisam um destino, consideram novos atores como corporações

transnacionais e universidades, e o conceito de coopetição dentro de clusters, juntamente com as condições encontradas no Diamante de Porter (1989), agrupadas em cinco fatores: Recursos Principais, Planejamento de Destino, Atrativos, Recursos de Suporte e Demanda.

Recentemente Blanco-Cerradelo *et al.* (2018), apresentaram estudo em áreas naturais protegidas. Este estudo segue alinhado aos teóricos anteriores, adotando os fatores "Capacidade de atrair visitantes", "Qualidade de Vida da População Local", "Sustentabilidade Econômica", "Sustentabilidade Social" e "Sustentabilidade Ambiental".

Enfim, Gomezelj e Mihalic (2008) indicam que, apesar dos esforços dos estudos para buscar analisar ou mensurar a competitividade, não há um modelo universal de competitividade que seja adequado a todos os destinos, e o mesmo se aplica à sua medição da competitividade (Perles-Ribes, Ramon-Rodríguez & Sevilla-Jiménez, 2014). Diante disso, e afeto aos objetivos deste estudo, focou-se em modelos clássicos e em modelos de mensuração de destinos em áreas protegidas naturais como seus principais atrativos.

Diante do estado da arte dos modelos de mensuração da competitividade de destinos turísticos, percebeu-se pontos convergentes. Os modelos têm se concentrado em explicar, operacionalizar ou priorizar as diferentes forças que operam no contexto competitivo de um destino. Assim, o aspecto desenvolvido em toda essa literatura diz respeito aos fatores determinantes da competitividade de um destino, enquanto o desenvolvimento, a aplicação e a mensuração da conceituação de competitividade aportada pelos autores foram obliterados. Se aceito e bem aplicado, qualquer modelo ou índice de competitividade auxilia os gestores os gerentes dos destinos, em permanecendo com o mesmo modelo ou índice, um bom monitoramento do desenvolvimento e da competitividade do turismo ao decorrer do tempo (Gomezelj e Mihalic, 2008).

Diante destes pressupostos foram identificados os fatores mais recorrentes de Modelos de Competitividade de Destino levantados por esta pesquisa nas últimas duas décadas. O quadro 1 apresenta a descrição de cada fator, utilizando as contribuições dos autores.

QUADRO 1–FATORES EM MODELOS DE COMPETITIVIDADE DE DESTINOS TURÍSTICOS.

Descrição dos Fatores de Competitividade de Destino Turístico	
Fator	Descrição
Recursos Principais e Atrativos	Estes fatores representam os principais motivadores para a visitação do destino, considerando em recursos principais "dotados/herdados"ou "criados" (Dwyer & Kim,2003; Gomezelj & Mihalič,2008; Dwyer <i>et al.</i> ,2014). Os recursos herdados são considerados os naturais, que englobam a paisagem natural (Crouch & Ritchie, 1999; Hassan, 2000; Dwyer & Kim, 2003; Gomezelj & Mihalič, 2008), porém há vários outros atributos competitivos que compõe a atratividade de um destino (Crouch, 2010), como o patrimônio cultural e a história do destino (Hassan, 2000; Dwyer & Kim,2003; Crouch, 2010; Dwyer <i>et al.</i> ,2014), que podem ser criados. A atratividade também está relacionada com a gama de atividades disponíveis (Hassan, 2000; Dwyer & Kim, 2003; Gomezelj & Mihalič,2008; Bornhorst, Ritchie & Sheehan, 2010; Crouch, 2010; Dwyer <i>et al.</i> ,2014), que podem incluir recreação e instalações esportivas, e eventos que variam de escala comunitária à exposições mundiais (Dwyer & Kim,2003; Crouch, 2010; Dwyer <i>et al.</i> ,2014). Quanto mais diversificados os atrativos, maior a capacidade de atrair diferentes segmentos do mercado turístico (Dwyer & Kim,2003).
Infraestrutura e Fatores de Suporte	Como fatores de recurso a infraestrutura geral do destino inclui água potável, saneamento, sistemas de comunicação, estradas como para qualquer atividade econômica e social (Crouch & Ritchie, 1999; Dwyer & Kim,2003; Goorochurn & Sugiyarto, 2005; Crouch,2010; Dwyer <i>et al.</i> ,2014). Considerando os fatores de suporte como acessibilidade, serviços e hospitalidade . A acessibilidade com variedade de influências, incluindo frequência, facilidade e qualidade do acesso rodoviário, ferroviário, hidroviário e aéreo (Crouch & Ritchie, 1999; Hassan, 2000; Dwyer & Kim,2003; Gomezelj & Mihalič, 2008; Crouch, 2010; Caber, Albaryrak & Matzler, 2012; Bagarić & Žitinić,2013;Dwyer <i>et al.</i> ,2014), principais serviços (Hassan, 2000; Dwyer & Kim,2003; Dwyer <i>et al.</i> ,2014) assim como serviços auxiliares. Esses serviços são cada vez mais vitais na experiência turística, dependendo da qualidade e quantidade oferecidos (Dwyer & Kim,2003; Gomezelj & Mihalič, 2008; Dwyer <i>et al.</i> ,2014), e a hospitalidade relacionada a simpatia percebida da população local e as atitudes da comunidade em relação aos turistas (Dwyer & Kim,2003; Gomezelj & Mihalič, 2008; Bagarić & Žitinić, 2013; Dwyer <i>et al.</i> ,2014)
Gerenciamento do Destino	Cinco tipos de atividades de gerenciamento de destino têm uma influência potencialmente importante na competitividade do destino: gerenciamento de marketing de destino; planejamento e desenvolvimento de destinos; organização de gestão de destinos; desenvolvimento de Recursos Humanos; e gestão ambiental (Ritchie & Crouch, 2000; Dwyer & Kim, 2003). É feita uma distinção entre as atividades de gestão de destinos realizadas pelo setor público e a gestão de destino realizadas pelo setor privado (Dwyer & Kim, 2003; Huybers & Bennett, 2003; Gomezelj & Mihalič, 2008; Dwyer <i>et al.</i> ,2014)

Demanda	Enquanto a maior parte da discussão sobre a competitividade de empresas e nações, como aparece na literatura geral, concentra-se em itens relacionados à oferta, os fatores de demanda assumem uma importância especial na determinação da competitividade do destino (Dwyer & Kim, 2003). A pesquisa com consumidores é altamente importante para estudo da competitividade (Dwyer <i>et al.</i> , 2014) estudos relacionam a percepção da imagem do destino gerada por meio de atividades de marketing (Gomezelj & Mihalič, 2008), a análise do impacto do sobrecarregamento de demanda (Hassan, 2000; Huybers & Bennett, 2003)
Sustentabilidade	O desenvolvimento sustentável do turismo é fundamental para a conservação da natureza e a preservação da cultura (Hassan, 2000), como medida de longo prazo, que reconhece a tríplice administração de recursos ecológicos, sociais e culturais (Dwyer & Kim, 2003; Blanco-Cerradelo <i>et al.</i> , 2018). A qualidade do ambiente também é um recurso importante para um destino, especialmente à luz do crescente número de turistas ambientalmente conscientes (Gooroochurn & Sugiyarto, 2005)
Determinantes Qualificativos	A capacidade competitiva de um destino também depende da estrutura geral e do ambiente positivo em que o destino está localizado (Bagarić & Žitinić, 2013). Os determinantes estão relacionados a segurança e custo benefício. A segurança (Crouch & Ritchie, 1999; Caber, Dwyer & Kim, 2003; Albaryrak & Matzler, 2012) dentro de um destino podem estar relacionadas desde terrorismo e guerras , a questões de criminalidade, a água potável, desastres naturais, qualidade de serviços médicos (Crouch & Ritchie, 1999). Também como qualificante o custo benefício de um destino é em grande parte impulsionado por forças socioeconômicas e globais muito mais amplas, interferindo no custo de transporte, custo de vida em um destino, efeitos da taxa de câmbio (Crouch & Ritchie, 1999; Dwyer & Kim, 2003; Gooroochurn & Sugiyarto, 2005; Bagarić & Žitinić, 2013).
Qualidade de Vida dos Residentes	A qualidade de vida no destino contribui para a experiência do turismo, contribuindo para a qualidade turística do destino (Gooroochurn & Sugiyarto, 2005). O sistema de turismo não abrange apenas fornecedores de produtos e serviços, mas também a interação de visitantes e residentes locais no destino (Bornhorst, Ritchie & Sheehan, 2010), podendo influenciar a satisfação (Blanco-Cerradelo <i>et al.</i> , 2018). Mesmo que a combinação geral de produtos e serviços seja forte, o sucesso do turismo poderá ser negado se o destino for de difícil acesso ou se os moradores da população anfitriã não apoiarem a iniciativa de turismo e tratarem os visitantes com desdém (Bornhorst, Ritchie & Sheehan, 2010). A qualidade de vida é captada pelo indicador de desenvolvimento social, construído pela combinação do índice de desenvolvimento humano do PNUD, que considera indicadores de natureza objetiva (esperança de vida, educação e rendimento), com outros índices disponíveis (Gooroochurn & Sugiyarto, 2005) ou subjetivos que envolvem sensações (Blanco-Cerradelo <i>et al.</i> , 2018).

FONTE: Elaboração própria (2018).

Com o foco em destinos turísticos em áreas protegidas naturais, percebe-se nos modelos analisados que há uma limitação nos indicadores ambientais (Crouch, 2011), mesmo que a necessidade de maior esforço na medição de competitividade destes indicadores ambientais já vem sendo declarada desde os modelos clássicos (Gooroochurn & Sugiyarto, 2005).

No nível macro, muitas organizações e pesquisadores estão dedicando seus esforços para criar índices e indicadores voltados para a facilidade de medições, permitindo comparações, classificações, benchmarking, melhorias ou até mesmo facilitando o desenho de estratégias de melhoria como um objetivo final. Em documento recente, a ONU (2017) definiu claramente as características que cada indicador deve ter para ser considerado adequado: validade, confiabilidade, precisão e mensurabilidade. Augustin e Liaw (2017) afirmaram que muitas vezes, os indicadores são criados sem o foco em características inerentes específicas de indicadores e índices, como sua validade e confiabilidade, gerando sempre uma lacuna que precisa ser resolvida.

3 METODOLOGIA

A investigação se caracteriza como exploratória na medida em que procura desvendar uma área com poucos estudos científicos (Richardson, 1999), que é o caso da competitividade dos destinos turísticos em áreas protegidas naturais, e desta forma descobrir ideias, percepções, gerar hipóteses ou explicações prováveis e ainda, identificar áreas para um estudo mais aprofundado (Gil, 1999; Marconi & Lakatos, 2001).

A pesquisa descritiva, complementa a exploratória, descreve as informações obtidas e descreve as características das mesmas (Gil, 1999), podendo ser definido como exploratório-descritivos combinados (Marconi & Lakatos, 2001). Assim, os estudos descritivos, possuem a função de exatas descrições das características de um fenômeno (Gil, 1999; Marconi & Lakatos, 2001; Richardson, 1999).

Esta pesquisa buscou identificar as teorias relacionadas à temática de competitividade de destinos turísticos, pelo levantamento realizado na base de dados a fim de relacionar os artigos que tratassem do mesmo tema. Esse levantamento, o qual reconheceu o estado da arte, abordando desde o conceito de competitividade em destinos turísticos, suas estratégias e aplicações em áreas protegidas naturais, além de modelos de competitividade de destinos. A

pesquisa foi realizada nas bases de dados da *EBSCO*, *Scopus* e Portal da Capes, com recorte dos últimos cinco anos, acrescidos pelas referências citadas nos artigos selecionados.

Foram identificados e correlacionados os fatores utilizados nos principais modelos de competitividade de destino, para à partir da do aproximação dos constructos construir uma matriz de avaliação aplicável a áreas protegidas naturais. Para validação dos fatores e variáveis foram utilizados alguns procedimentos da técnica Delphi. Tal técnica é utilizada para alcançar a convergência de opiniões de especialistas dentro de determinadas áreas temáticas, foi desenvolvida principalmente por Dalkey e Helmer (1963), e é comumente utilizada em construções de modelos de competitividade de destinos (Crouch, 2010; Crouch, 2011; Zhang *et al.*, 2011; Andrades-Caldito, Sánchez-Rivero & Pulido-Fernández, 2012; Dwyer *et al.*, 2014; Wong, 2018). A técnica Delphi é um método para refinar a opinião do grupo quando há falta de conhecimento exato de um tópico complexo (Kaynak & Macauley, 1984; Wong, 2018).

Usando a opinião de especialistas, o painel foi solicitado para identificar e validar os atributos de competitividade de destino que influenciam a competitividade em áreas protegidas naturais. Uma lista de indicadores baseados em modelos de competitividade existentes, convertidos em um questionário com escala de -3 a +3. O Questionário da primeira rodada foi aplicado a um painel de especialistas, para teste de validade dos indicadores, informando aos autores deste estudo a relevância de diferentes indicadores como medidas de competitividade.

O painel foi composto por 2 especialista da área acadêmica e 1 profissional da indústria de ecoturismo. Os dois especialistas são pós-doutores e atuam na área de gestão do destino, um com foco na qualidade dos serviços e o outro com foco em estratégias e marketing. O especialista do mercado de turismo tem mais de 20 anos de atuação, em diversos destinos ecoturísticos brasileiros. Como não há um critério fixo para medir o consenso em um estudo Delphi e isso varia de um estudo para o outro (Rayen & Hahn, 2000; Wong,2018), mas considerando que o consenso normalmente é medido por distribuição de frequência (McKenna,1994; Wong,2018), foram classificados os indicadores avaliados como validados quando todos os especialistas indicaram +3 ou +2; refutados quando todos os especialistas indicaram - 2 ou -3; e não validados aqueles que encontraram situações diferentes das referidas.

4 AVALIAÇÃO DA COMPETITIVIDADE EM ÁREAS PROTEGIDAS NATURAIS

Há uma variedade de objetivos de gestão em relação aos parques nacionais, como proteger a biodiversidade, gerir o uso de visitantes, considerar necessidade dos povos indígenas e comunidades locais e contribuir para as economias locais por meio do turismo (IUCN, 2018). A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, reforça a preocupação com o bem-estar e qualidade de vida das pessoas, baseando no triplice resultado de equilíbrio entre a proteção do meio ambiente, mantendo a integridade cultural e promovendo benefícios econômicos (Ramkissoon, Mavondo & Uysal,2018).

Como dimensões de competitividade em áreas protegidas naturais partimos de sete fatores encontrados na literatura de competitividade de destino: Recursos Principais e Atrativos, Infraestrutura e Fatores de Suporte, Gerenciamento do Destino, Demanda, Sustentabilidade, Determinantes Qualificativos e Qualidade de Vida dos Residentes.

Autores sugerem que a qualidade dos atrativos naturais faz parte do destino de qualidade e pode ser determinante para a competitividade do destino turístico (Hassan, 2000; Mihaliç, 2000; Ritchie & Crouch, 2003; Law & Lo, 2016), com turistas atraídos para regiões por causa da qualidade de seus recursos naturais (Huybers & Bennet, 2003; Ritchie & Crouch, 2003; Dwyer & Kim, 2003), quando percebem que quanto maior a conservação de seus recursos naturais, maior será sua singularidade e será mais competitivo (Boley & Green, 2016), a proteção do meio ambiente pode ser um importante estimulador de demanda (Huybers & Bennett, 2003). A partir do momento em que é percebida a importância da conservação como meio para aumentar a demanda, conseqüentemente o incremento dos recursos financeiros, é necessário perceber o impacto gerado nas comunidades no entorno das áreas protegidas naturais.

O turismo é visto pela Metas de Biodiversidade de Aichi como um meio para fonte de renda (CDB, 2011), buscando transformar a realidade em que comunidades locais que dependem de recursos naturais e arcam com os custos indiretos de conservação (Badola *et al.*, 2018). Partindo do princípio que a competitividade de um destino está relacionada com o bem-estar da população local, partiremos neste estudo pela natureza objetiva, em que a

prosperidade socioeconômica está relacionada com aumento de Qualidade de Vida dos moradores (Buhalis, 2000; Crouch & Ritchie, 1999; Hassan, 2000; Dwyer & Kim, 2003; Ritchie & Crouch, 2003; Blanco-Cerradelo *et al.*, 2018), sem entrar em questões subjetivas como medidas envolvendo sensações e atitudes. O turismo é estratégia para prover recursos para conservar a biodiversidade, os Parques Nacionais são uma das principais formas de oportunidades recreativas para visitantes domésticos em áreas protegidas naturais, com maiores taxas de visitas.

As visitas em áreas protegidas naturais podem auxiliar na conservação da biodiversidade. Mas como acontece em outros destinos, há uma competição entre os possíveis destinos a serem escolhidos para férias, em que alguns apresentam grande crescimento de visitas enquanto outros enfrentam o decréscimo, reforçando a necessidade de identificar as divergências para melhorias em busca do desenvolvimento sustentável.

Para alcançar o objetivo geral do estudo, foi verificado na teoria existente de competitividade em destinos turísticos baseado na natureza em que os principais atrativos sejam áreas protegidas naturais. Os fatores utilizados em estudos de competitividade de destinos se enquadram nas necessidades dos destinos com turismo baseado na natureza, conforme foi apresentado no estudo da arte, os princípios gerais podem ser replicados em análises específicas.

Os sete fatores foram compostos de sessenta e um indicadores, sendo que destes cinquenta e três indicadores foram validados por especialistas, utilizando a técnica Delphi (Quadro 02).

Quadro 02 – Fatores e Indicadores de Avaliação da Competitividade de Destinos Turísticos

Recursos Principais e Atratividade
Flora
Fauna
Hidrografia (Rios, nascentes, lagos, lagoas e quedas d'água)
Forma de Relevo (planícies, planaltos, serras, chapadas, patamares, tabuleiros, depressões)
Condições climáticas e atmosféricas
Paisagem
Cultura Gastronômica
Museus
Conjunto Arquitetônico
Populações tradicionais (quilombolas, indígenas...)
Festivais
Feiras de Exposição
Parques Temáticos
Atividade Aquática (canoagem, pedalinho, bóia-cross, mergulho e rafting)
Atividade de Inverno (snowboard, esqui, pistas de patinação...)
Atividades em terra (arvorismo, ciclismo, bungee jump, cachoeirismo, canionismo, escalada, montanhismo, rapel, tirolesa)
Aventura em ar (balonismo, parapente, paraquedismo, ultraleve, voo livre/asa delta)
Vida Noturna
Atividade de Recreação (campos de esportes...)
Atividades para Crianças
Infraestrutura e Fatores de Suporte
Abastecimento de Água Potável
Saneamento Básico
Sistemas de Comunicação

Modal Rodoviário
Modal Ferroviário
Modal Hidroviário
Modal Aéreo
Agências de Viagens
Locadora de Veículos
Transporte Público Tradicional
Transporte Alternativo
Hospedagem Tradicional
Hospedagem Alternativa
Restaurantes
Acessibilidade para mobilidade reduzida
Gerenciamento do Destino
Marketing de destino
Comunicação na Internet
Planos de Manejo
Legislação
Recursos Humanos
Parcerias público/privadas
Premiações
Demanda
Imagem do Destino
Capacidade de Carga
Perfil de Visitantes
Satisfação de Visitante
Sustentabilidade
Densidade Populacional
Certificações ambientais
Mitigação ambiental
Educação Ambiental
Determinantes Qualificativos
Segurança
Desigualdade socioeconômica
Custo
Qualidade de Vida dos Residentes
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)
Cooperativismo
Poluição no Ambiente
Assistência Médica
Emprego
Educação
Renda

Nenhum dos indicadores submetidos à avaliação foram refutados pelos especialistas. No entanto, oito indicadores, destacadas no quadro 02, não foram validados: “museus”, “conjunto arquitetônico”, “feiras de exposição”, “parques temáticos”, “vida noturna”, “agências de viagens”, “densidade populacional” e “desigualdade socioeconômica”. Salienta-se que isto não significa que tais indicadores devam ser excluídos para uma próxima etapa de validação, mas precisa-se de uma nova rodada de especialista para indicar a validação ou não desses indicadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modelos de competitividade de destino turístico são amplamente testados, porém foi observada uma lacuna teórica em destinos em áreas protegidas naturais. Este estudo utilizou os fatores clássico apresentados modelos de competitividade de destino turístico: Recursos Principais e Atrativos; Infraestrutura e Fatores de Suporte; Gerenciamento do Destino; Demanda; Sustentabilidade; Determinantes Qualificativos e Qualidade de Vida dos Residentes. A partir destes fatores, foram elencados indicadores em cada um dos fatores e submetidos a avaliação de especialista da área, utilizando a técnica Delphi.

Foram validados cinquenta e três indicadores, dos 61 elencados pela literatura da área, e que se configuram como uma matriz base de mensuração da competitividade em áreas protegidas naturais.

Diante da limitação do número de especialista desta pesquisa, sugere-se em futuros estudos ampliam o número de especialista e também testem a matriz com gestores de áreas protegidas, com residentes das comunidades de entorno e com turistas de tais áreas.

REFERÊNCIAS

- Abreu-Novais, M., Ruhanen, L., & Arcodia, C. (2016). Destination competitiveness: what we know, what we know but shouldn't and what we don't know but should. *Current Issues in Tourism*, 19(6), 492-512.
- Andrades-Caldito, L., Sánchez-Rivero, M., & Pulido-Fernández, J. I. (2013). Differentiating competitiveness through tourism image assessment: an application to Andalusia (Spain). *Journal of Travel Research*, 52(1), 68-81.
- Ariya, G., Sitati, N., & Wishitemi, B. (2017). Tourists' perceived value of wildlife tourism product at Lake Nakuru National Park, Kenya. *European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation*, 8(2), 147-156.
- Augustin, J. L. P. M., & Liaw, S. Y. (2017). Tourism competitiveness index of the Asia-Pacific region through consistency analysis. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 22(12), 1295-1307.
- Badola, R., Hussain, S. A., Dobriyal, P., Manral, U., Barthwal, S., Rastogi, A., & Gill, A. K. (2018). Institutional arrangements for managing tourism in the Indian Himalayan protected areas. *Tourism Management*, 66, 1-12.
- Balmford, A., Beresford, J., Green, J., Naidoo, R., Walpole, M., & Manica, A. (2009). A global perspective on trends in nature-based tourism. *PLoS biology*, 7(6), e1000144.
- Balmford, A., Green, J. M., Anderson, M., Beresford, J., Huang, C., Naidoo, R., ... & Manica, A. (2015). Walk on the wild side: estimating the global magnitude of visits to protected areas. *PLoS biology*, 13(2), e1002074.
- Barić, D., Anić, P., & Bedoya, A. M. (2016). Segmenting protected area visitors by activities: A case study in Paklenica National Park, Croatia. *European Journal of Tourism Research*, 13, 103-121.
- Bagarić, L., & Žitinić, D. (2013). Competitiveness of Kvarner region: challenges for destination management and branding. *Tourism and hospitality management*, 19(2), 217-231.
- Blanco-Cerradelo, L., Gueimonde-Canto, A., Fraiz-Brea, J. A., & Diéguez-Castrillón, M. I. (2018). Dimensions of destination competitiveness: Analyses of protected areas in Spain. *Journal of Cleaner Production*, 177, 782-794.
- Boley, B. B., & Green, G. T. (2016). Ecotourism and natural resource conservation: the 'potential' for a sustainable symbiotic relationship. *Journal of Ecotourism*, 15(1), 36-50.

Bornhorst, T., Ritchie, J. B., & Sheehan, L. (2010). Determinants of tourism success for DMOs & destinations: An empirical examination of stakeholders' perspectives. *Tourism management*, 31(5), 572-589.

BRASIL. Ministério do Turismo. Glossário do turismo: compilação de termos publicados por Ministério do Turismo e Embratur nos últimos 15 anos – 1a edição. Brasília: Ministério do Turismo, 2018. 44 p.

Buhalis, D. (2000). Marketing the competitive destination of the future. *Tourism management*, 21(1), 97-116.

Bwalya-Umar, B., & Mubanga, K. H. (2016). Do locals benefit from being in the 'tourist capital'? Views from Livingstone, Zambia. *Tourism and Hospitality Research*, 1467358416663817.

Caber, M., Albayrak, T., & Matzler, K. (2012). Classification of the destination attributes in the content of competitiveness (by revised importance-performance analysis). *Journal of Vacation Marketing*, 18(1), 43-56.

Chim-Miki, A. F., & Domareski-Ruiz, T. C. (2018). EL AMBIENTE DE NEGOCIOS Y LA COMPETITIVIDAD TURÍSTICA. *Globalización, Competitividad y Gobernabilidad de Georgetown/Universia*, 12(2).

Chin, W. L., Haddock-Fraser, J., & Hampton, M. P. (2017). Destination competitiveness: evidence from Bali. *Current Issues in Tourism*, 20(12), 1265-1289.

Crouch, G. I., & Ritchie, J. B. (1999). Tourism, competitiveness, and societal prosperity. *Journal of business research*, 44(3), 137-152.

Crouch, G. I. (2011). Destination competitiveness: An analysis of determinant attributes. *Journal of travel research*, 50(1), 27-45.

Dalkey, N., & Helmer, O. (1963). An experimental application of the Delphi method to the use of experts. *Management science*, 9(3), 458-467.

Dantas, L. M. R., & Pires, P.S. (2015). Versões e Contradições do Turismo de Aventura: reflexões sobre as atividades de aventura e sobre o turista. *Turismo e Sociedade*, 8(2).

Dinica, V. (2018). The environmental sustainability of protected area tourism: towards a concession-related theory of regulation. *Journal of Sustainable Tourism*, 26(1), 146-164.

Dye, A. S., & Shaw, S. L. (2007). A GIS-based spatial decision support system for tourists of Great Smoky Mountains National Park. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 14(4), 269-278.

Dwyer, L., & Kim, C. (2003). Destination competitiveness: determinants and indicators. *Current issues in tourism*, 6(5), 369-414.

Dwyer, L., Forsyth, P., & Rao, P. (2000). The price competitiveness of travel and tourism: a comparison of 19 destinations. *Tourism management*, 21(1), 9-22.

Dwyer, L., Cvelbar, L. K., Mihalič, T., & Koman, M. (2014). Integrated destination competitiveness model: testing its validity and data accessibility. *Tourism analysis*, 19(1), 1-17.

Enright, M. J., & Newton, J. (2004). Tourism destination competitiveness: a quantitative approach. *Tourism management*, 25(6), 777-788.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA.

Gooroochurn, N., & Sugiyarto, G. (2005). Competitiveness indicators in the travel and tourism industry. *Tourism Economics*, 11(1), 25-43.

Gomezelj, D. O., & Mihalič, T. (2008). Destination competitiveness—Applying different models, the case of Slovenia. *Tourism management*, 29(2), 294-307.

Hardiman, N., & Burgin, S. (2017). Nature tourism trends in Australia with reference to the Greater Blue Mountains World Heritage Area. *Journal of Sustainable Tourism*, 25(6), 732-745.

Hassan, S. S. (2000). Determinants of market competitiveness in an environmentally sustainable tourism industry. *Journal of travel research*, 38(3), 239-245.

Heath, E. (2003). Towards a model to enhance destination competitiveness: A Southern African perspective. *CAUTHE 2003: Riding the Wave of Tourism and Hospitality Research*, 500.

Huybers, T., & Bennett, J. (2003). Environmental management and the competitiveness of nature-based tourism destinations. *Environmental and Resource Economics*, 24(3), 213-233.

IUCN (2018): Protected Areas Categories. Disponível em: <https://www.iucn.org/theme/protected-areas/about/protected-area-categories>. Consultado em 20/07/2018.

Kihima, B. O. (2014). Unlocking the Kenyan Tourism Potential Through Park Branding Exercise. *Tourism Recreation Research*, 39(1), 51-64.

- Knežević Cvelbar, L., Dwyer, L., Koman, M., & Mihalič, T. (2016). Drivers of destination competitiveness in tourism: a global investigation. *Journal of Travel Research*, 55(8), 1041-1050.
- Kaynak, E., & Macaulay, J. A. (1984). The Delphi technique in the measurement of tourism market potential: the case of Nova Scotia. *Tourism Management*, 5(2), 87-101.
- Kruger, M., Viljoen, A., & Saayman, M. (2017). Who visits the Kruger National Park, and why? identifying target markets. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 34(3), 312-340.
- Law, F. Y., & Lo, M. C. (2016). RURAL TOURISM DESTINATION COMPETITIVENESS OF KUBAH NATIONAL PARK IN SARAWAK: TOURISTS' PERSPECTIVE. *Asian Academy of Management Journal*, 21.
- Lee, T. H., & Jan, F. H. (2018). Ecotourism behavior of nature-based tourists: An integrative framework. *Journal of Travel Research*, 57(6), 792-810
- MAPAMA (2018). *Datos de visitantes a los Parques Nacionales 1996-2017*. Disponible en: https://www.mapama.gob.es/es/red-parques-nacionales/la_red/gestion/visitantes.aspx. Consultado en 14/08/2018.
- Marconi, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2001). Metodologia do trabalho científico. *São Paulo: Atlas*, 6.
- Mazanec, J. A., Wöber, K., & Zins, A. H. (2007). Tourism destination competitiveness: from definition to explanation?. *Journal of Travel Research*, 46(1), 86-95.
- McKenna, H. P. (1994). The Delphi technique: a worthwhile research approach for nursing? *Journal of advanced nursing*, 19(6), 1221-1225.
- Mihalič, T. (2000). Environmental management of a tourist destination: A factor of tourism competitiveness. *Tourism management*, 21(1), 65-78.
- MONGABAY (2016). The top 10 most biodiverse countries. Disponible em: <https://news.mongabay.com/2016/05/top-10-biodiverse-countries/>. Consultado en 14/08/2018.
- National Park Service (2018). *Annual Visitation Report by Years: 2007 to 2017*. D Disponible en: [https://irma.nps.gov/Stats/SSRSReports/National%20Reports/Annual%20Visitation%20By%20Park%20\(1979%20-%20Last%20Calendar%20Year](https://irma.nps.gov/Stats/SSRSReports/National%20Reports/Annual%20Visitation%20By%20Park%20(1979%20-%20Last%20Calendar%20Year). Consultado en 14/08/2018.
- Orams, M. B. (1995). Towards a more desirable form of ecotourism. *Tourism management*, 16(1), 3-8.
- Parcs Nationaux de France (2018). Les Parcs Nationaux de France. Disponible en: <http://www.parcsnationaux.fr/fr/des-decouvertes/les-parcs-nationaux-de-france>. Consultado en 15/09/2018.
- Perles Ribes, J., Ramón Rodríguez, A., & Sevilla-Jiménez, M. (2008). Los Destinos Turísticos Residenciales En España: Un Análisis Empírico De La Ventaja Competitiva Y Sus Determinantes.
- Porter, M. E. (1990). The competitive advantage of nations. *Competitive Intelligence Review*, 1(1), 14-14.
- Puhakka, R., & Saarinen, J. (2013). New role of tourism in national park planning in Finland. *The Journal of Environment & Development*, 22(4), 411-434.
- Puustinen, J., Pouta, E., Neuvonen, M., & Sievänen, T. (2009). Visits to national parks and the provision of natural and man-made recreation and tourism resources. *Journal of Ecotourism*, 8(1), 18-31.
- Ramkissoon, H., & Mavondo, F. (2014). Proenvironmental behavior: The link between place attachment and place satisfaction. *Tourism Analysis*, 19(6), 673-688.
- Ramkissoon, H., Mavondo, F., & Uysal, M. (2018). Social involvement and park citizenship as moderators for quality-of-life in a national park. *Journal of Sustainable Tourism*, 26(3), 341-361.
- Rayens, M. K., & Hahn, E. J. (2000). Building consensus using the policy Delphi method. *Policy, politics, & nursing practice*, 1(4), 308-315.
- RICHARSON, R. J. (1999). Pesquisa social: métodos e técnicas. *São Paulo: Atlas*.
- Ritchie, J. B., & Crouch, G. I. (1993). *Competitiveness in international tourism: A framework for understanding and analysis*. World Tourism Education and Research Centre, University of Calgary.
- Ritchie, J.R.B. Y Crouch, G.I. (2003) The Competitive Destination. A Sustainable tourism perspective. CABI Publishing, UK.
- Rockström, J., Steffen, W., Noone, K., Persson, Å., Chapin III, F. S., Lambin, E. F., ... & Nykvist, B. (2009). A safe operating space for humanity. *nature*, 461(7263), 472.

- Rodger, K., Taplin, R. H., & Moore, S. A. (2015). Using a randomised experiment to test the causal effect of service quality on visitor satisfaction and loyalty in a remote national park. *Tourism Management*, 50, 172-183.
- Rosa, P., Carvalhinho, L., & Soares, J. (2018). Developing a destination image through the perceptions of stakeholders: A case study. *International Journal of Tourism Research*, 20(1), 60-71.
- Santarém, F., Campos, J. C., Pereira, P., Hamidou, D., Saarinen, J., & Brito, J. C. (2018). Using multivariate statistics to assess ecotourism potential of water-bodies: A case-study in Mauritania. *Tourism Management*, 67, 34-46.
- Souza, T. V. S. B., Thapa, B., & Castro, E. V. (2017). Índice de Atratividade Turística das Unidades de Conservação Brasileiras. *PAPP. Brasília. O Parque fica em São Jorge, Distrito de Alto Paraíso de Goiás. A distância até Brasília é de, 258.*
- Taplin, R. H., Rodger, K., & Moore, S. A. (2016). A method for testing the effect of management interventions on the satisfaction and loyalty of national park visitors. *Leisure Sciences*, 38(2), 140-160.
- Thapa, B., & Lee, J. (2017). Visitor experience in Kafue National Park, Zambia. *Journal of Ecotourism*, 16(2), 112-130.
- TIES (2017). TIES Global Ecotourism Fact Sheet. Disponível em: www.ecotourism.org. Consultado em 15/09/2018.
- URBANTUR. *Monitor de Competitividad Turística de Ciudades*. Disponível em: http://www.exceltur.org/wp-content/uploads/2017/05/URBANTUR2016_documento.pdf. Consultado em 12/09/2018.
- USDA (2015). Agricultural Statistics. Disponível em: https://www.nass.usda.gov/Publications/Ag_Statistics/2015/Ag_Stats_2015_complete%20publication.pdf Consultado em 12/09/2018.
- Weaver, D. B. (2001). *The encyclopedia of ecotourism*. Wallingford: CABI
- Wong, P. P. W. (2018). Role of components of destination competitiveness in the relationship between customer-based brand equity and destination loyalty. *Current Issues in Tourism*, 21(5), 504-528.
- WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO) a. Tourism Highlights. 2018 Edition. Disponível em: < <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419876> >. Acesso em: 15 de setembro de 2018.
- WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO) b. Definitions. Committee on Tourism and Competitiveness (CTC). 2018 Edition. Disponível em: < <http://www2.unwto.org/publication/definitions-committee-tourism-and-competitiveness-ctc-0>>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.
- Zhang, H., Gu, C. L., Gu, L. W., & Zhang, Y. (2011). The evaluation of tourism destination competitiveness by TOPSIS & information entropy—A case in the Yangtze River Delta of China. *Tourism Management*, 32(2), 443-451.